

## A estátua de JK: um monumento comemorativo no centro de Diamantina

The statue of JK: a commemorative monument in the center of Diamantina

**Raphael Martins Cima**

Bacharel em História

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

raphaelufvjm@gmail.com

**Recebido em:** 15/07/2021

**Aprovado em:** 31/10/2021

**Resumo:** O presente artigo realiza uma análise do monumento comemorativo ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira instalado no centro da cidade de Diamantina (MG), construído por seus correligionários no ano de 1958 em homenagem à sua posse como Presidente da República. O objetivo é problematizar este monumento público através de uma abordagem que ressalta as questões políticas em torno da sua construção, como também a autoria e a estética da obra.

**Palavras-chave:** Escultura pública; Juscelinismo; José Pedrosa.

**Abstract:** This article analyzes the commemorative monument to President Juscelino Kubitschek de Oliveira installed in the center of the city of Diamantina (MG), built by his supporters in 1958 in honor of his inauguration as President of the Republic. The objective is to problematize this public monument through an approach that highlights the political issues surrounding its construction, as well as the authorship and aesthetics of the work.

**Keywords:** Public sculpture; Juscelinism; José Pedrosa.

## Introdução

A arte, o poder e a memória se unem, muitas das vezes, quando são projetadas em um monumento comemorativo, sobretudo, quando se trata de obras que representam figuras políticas. Inerente a uma estratégia, em sua maioria, a construção desses monumentos está vinculada a determinados grupos, em seus contextos históricos. A homenagem ao presidente JK não foi diferente. Edificado por seus correligionários em 1958, o monumento comemorativo foi fruto da força juscelinista, que desde a década de 1930 passou a controlar a política em Diamantina (MG).

A chegada de JK à presidência da república seria merecedora para sua facção local de uma homenagem na sua terra natal. O monumento foi instalado na praça Dr. Juscelino Kubitschek (sítio tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) em 1938<sup>1</sup>) que havia recebido este nome ainda na década de 1930, quando Juscelino irradiava seus primeiros feitos na política nacional.

A Praça JK e, conseqüentemente, o monumento comemorativo se tornaram um dos principais pontos turísticos do município. No ano de 2017 este espaço foi entregue à população revitalizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), mas a escultura em si não teve a necessidade de restauro, pois se encontrava praticamente intacta. Com isso, atualmente, a estátua de JK se constitui como um dos principais bens culturais protegidos pelo poder público na cidade. Porém, pouco ou quase nada se sabe sobre a gênese deste monumento e os fins políticos que motivaram sua criação. Por isso, cabe aqui elencar alguns questionamentos. Quais as intenções por trás da construção do monumento comemorativo ao presidente JK em Diamantina? Como este monumento público serviu de instrumento político para a efetivação da hegemonia juscelinista local no período de sua inauguração? Quem foi o escultor da obra? Qual o papel da estética impregnada na escultura para confecção da hegemonia juscelinista na política local?

---

<sup>1</sup> O então prefeito de Diamantina, Joubert Guerra, promulgou o Decreto nº 51, de 21 de outubro de 1938, para estabelecer a “zona histórica” da sede do município para efetivação do tombamento nacional, da qual a Praça Dr. Juscelino Kubitschek foi incluída.

Este estudo pretende encontrar respostas para estas questões supracitadas, esboçando uma crítica a esse bem cultural patrimonializado na cidade de Diamantina. O texto a seguir está dividido em duas partes. A primeira, utilizando principalmente da ideia de lugares de memória, atravessa a problemática em torno da construção e da inauguração deste monumento, como também aborda outros lugares de memória que surgiram nesta época em Diamantina relacionados ao presidente. A segunda, envolve o escultor José Pedrosa, autor da obra escultórica em discussão, apresentando dados biográficos do artista, assim como a relação do seu trabalho com o político JK. Nesse momento, busca-se ainda acentuar um debate acerca da estética dessa estátua a partir das noções de escultura desenvolvidas por Ariano Suassuna (2012) e pelo historiador da arte Flavio Conti (1987).

Além do diálogo com a referência bibliográfica, todos os fatos apresentados neste estudo são fundamentados em fontes históricas. Concentrou-se principalmente no acervo documental do Museu Tipografia Pão de Santo Antônio. Nele, foi examinado o jornal *Voz de Diamantina*, que circulou entre os anos de 1954 a 1965, atentando-se para as notícias relacionadas à inauguração do monumento comemorativo; ao quadro político local e aos resultados das eleições municipais. Outro acervo documental utilizado foi o da Hemeroteca Digital Brasileira (BNDigital), onde foram consultados os periódicos da revista *Manchete (RJ)* e do jornal *Última Hora (RJ)*, considerando as informações relacionadas ao escultor José Pedrosa que circularam entre os anos de 1955 a 1961.

### **A inauguração do monumento comemorativo ao presidente**

Decerto, o jovem Juscelino Kubitschek quando iniciou seus estudos no Seminário Arquidiocesano de Diamantina no início do século passado, em 1914, por volta dos 12 anos de idade, não poderia imaginar que num momento pósteros, que a cerca de quatro décadas mais tarde, ergueria-se uma estátua em sua homenagem no centro urbano da sua cidade natal. Inaugurada no

ano de 1958, fixada sobre um pedestal a cerca de dois metros de altura, a escultura foi construída enquanto um monumento comemorativo<sup>2</sup> e instalada em um sítio tombado pelo patrimônio.

Dessa forma, a homenagem ao presidente se tornou um bem patrimonial. De acordo com Sandra Pelegrini (2018, p. 92-93) os membros do conselho de patrimônio aos quais é incumbido o poder de decisão para consagrar um bem patrimonial, não são livres do jogo político, atendendo frequentemente às demandas das elites locais. A autora destaca ainda que o processo de patrimonialização é permeado “por tensões motivadas por especificidades locais, rivalidades entre lideranças comunitárias, grupos étnicos e políticos.” (PELEGRINI, 2018, p. 93). Engendrada pelos correligionários do presidente, a estátua de JK foi fruto da força juscelinista local que desde a década de 1930 passou a controlar a política na cidade de Diamantina, utilizando para isso, em grande medida, da vulnerabilidade de todos os usos e manipulações da memória de seu líder político.

Segundo Pierre Nora (1993, p. 9) a memória pode ser enraizada nos lugares. Esses podem ser materiais ou imateriais. Neles a memória se cristaliza. Geralmente essa aplicação não é natural, pelo contrário, muitas das vezes intencional. Por isso, a memória é um objeto de estudo suspeito para o historiador, pois é sempre carregada por grupos vivos, e está em permanente evolução, vulnerável a todos os usos e manipulações. Os lugares de memória emergem da necessidade de manter viva a memória sobre algo, nesse sentido, a sociedade moderna cria museus, arquivos, mantém datas comemorativas, ritos de celebração e fúnebres (NORA, 1993, p. 13). A partir dessas noções, entende-se o monumento comemorativo ao presidente como um lugar de memória, debate que será aprofundado mais a frente.

Jacques Le Goff (1990, p. 535-536) lembra que desde a antiguidade, os monumentos (obras de arquitetura ou escultura) tendem a ter dois focos, um comemorativo e outro funerário, cuja característica principal é acoplar-se ao poder da imortalização. Por monumento, entende-se todo “artefacto edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações, pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças.” (CHOAY, 2014, p. 17). No

---

<sup>2</sup> O monumento (estátua e pedestal) tem cerca de 4 metros de altura.

caso do monumento a JK, a ideia era exaltar um acontecimento em específico, a chegada de um diamantinense à presidência da república. Esse acontecimento foi suficiente para sua facção em Diamantina eternizar o seu semblante através de uma escultura pública. Mas, este seria o único fim da instalação deste monumento em um sítio patrimonializado? Simplesmente um ato comemorativo de um acontecimento louvável? Esta é a discussão que abordaremos a seguir, porém, antes de adentrar a este debate, cabe apresentar um pequeno relato sobre o cotidiano da inauguração do monumento comemorativo ao presidente em sua terra natal.

A idealização da homenagem ao presidente se deu a partir da iniciativa de Joubert Guerra,<sup>3</sup> que contou logo com a adesão de vários diamantinenses e amigos de Juscelino. No início do mês de março de 1958 foi organizada em Diamantina uma comissão encarregada do processo de execução dos trabalhos. Entre as 8 providências da comissão, destaca-se o intuito de acionar os amigos íntimos do presidente que desejassem oferecer sua contribuição para construção da obra. A inauguração do monumento foi marcada para sexta-feira, às 20h00, do dia 11 de abril e seria instalada na praça que também recebia o nome do homenageado (VOZ DE DIAMANTINA, 02/03/1958).

No final do mês de março o então prefeito de Diamantina, Mário Guerra Paixão, do Partido Social Democrático (PSD), relatou à imprensa local que tinha ido há poucos dias no Rio de Janeiro e havia feito um convite ao presidente para que ele visitasse sua terra natal de forma oficial, o que de acordo com o prefeito contribuiria para o maior acontecimento da história da cidade. O prefeito afirmou que o presidente iria a Diamantina no dia 12 de abril, aceitando com entusiasmo o convite. Paixão relatou também que conversou com ele sobre formas de impulsionar o desenvolvimento na região através do Programa de Realizações, que contava com uma parceria entre a câmara municipal, o deputado estadual Carlos Murilo e o governo federal (VOZ DE DIAMANTINA, 30/03/1958). Dessa forma, a visita oficial do presidente à cidade ficou marcada para o dia seguinte à inauguração do monumento.

---

<sup>3</sup> O diamantinense Joubert Guerra em 1958 era diretor comercial da Fábrica Nacional de Motores. Antes disso, foi prefeito de Diamantina (1937-1940) e chefe do gabinete de governo de JK quando este era prefeito de Belo Horizonte (1940-1945). Guerra também se elegeu deputado estadual pela legenda do PSD (1947-1951).

Na noite do dia 11 de abril, a estátua foi descoberta com a retirada do pano que a encobria e todos ali puderam ver a imagem do presidente em uma escultura de bronze, em “tamanho real”, erguida pelo alicerce revestido em granito. No pedestal da obra foi colocada uma inscrição elaborada pelo próprio JK, onde se lê: “*A Juscelino que honrou e elevou sua pátria e sua cidade natal, MCMLVII.*” O evento contou com um grande público e foi presidido pelo então governador do estado de Minas Gerais, Bias Fortes (PSD), a partir das 20h00. Discursaram também, o Arcebispo Metropolitano, Dom José Newton de Almeida Batista, e o prefeito, além de quinze representantes dos distritos do município (VOZ DE DIAMANTINA, 13/04/1958).

A notícia que circulava sobre a ida oficial do presidente causou entusiasmo na população, sendo a primeira vez que um chefe do executivo federal, de forma oficial, visitaria Diamantina. Neste evento em que JK foi à cidade, a comemoração feita pela população local teria sido maior do que quando ele foi eleito Presidente da República, em 1955 (ANTUNES, 2009, p. 51).

Chegado o dia 12, às 10h30, desembarcaram no aeroporto JK e sua comitiva, onde foram primeiramente recebidos pelo governador de Minas Gerais, pelo arcebispo da Arquidiocese de Diamantina e pelo bispo de Caetité, Bahia, além de autoridades locais. Cerca de 20 pessoas faziam parte da sua comitiva, com destaque para o general Lott. Em seguida, eles foram para frente da prefeitura no centro da cidade, onde grande parte da população os esperavam para as solenidades que se iniciaram às 11h30. O presidente, sua comitiva e autoridades locais, como o prefeito, desfilaram entre a Banda dos Fuzileiros Navais descendo a Rua Direita até chegar à frente da prefeitura (SILVA, 2014, p. 33). Os alunos das instituições de ensino foram liberados e recomendados pelas direções de irem ao encontro do presidente, onde se encontravam diversas parcelas da sociedade. O Tiro de Guerra 73 fez suas honrarias. O deputado Carlos Murilo (PSD) iniciou os discursos no palanque, em seguida a professora Helena Lopes. O encerramento se deu com a fala do presidente (VOZ DE DIAMANTINA, 20/04/1958).

Entre os compromissos realizados neste dia e no dia posterior, destaca-se que na noite do dia 12, JK, junto a sua comitiva, compareceu ao Clube Acayaca às 22h00, na Rua da Quitanda, onde se

celebrou o 18º aniversário da agremiação. Na manhã do dia 13 foi mais uma vez homenageado com uma missa festiva na Catedral Metropolitana (VOZ DE DIAMANTINA, 13/04/1958). Às 15h00 ele compareceu à inauguração - depois da reforma - do novo Estádio JK, para uma tarde esportiva. Na ocasião jogaram o então campeão carioca Botafogo versus Tijuco (time local), com público presente de 8 mil pessoas, contando mais uma vez com a Banda dos Fuzileiros Navais, que deu início a cerimônia (SILVA, 2014, p. 35).

Nesse mesmo dia o jornal *Voç de Diamantina*, um dos principais periódicos que circulavam na cidade na época, publicou a cobertura do primeiro dia de visita do presidente à sua terra natal, destacando a inauguração do monumento no dia anterior, do qual se referiu como magnífico. Nesse ínterim que se passou com a visita oficial do presidente com sua comitiva à cidade, foram inauguradas obras públicas e lançadas pedras fundamentais. Através do decreto 284, o prefeito Mário Guerra Paixão considerou feriado municipal aquele 12 de abril de 1958 pelo fato da visita oficial do Presidente da República a Diamantina, justificando que tal visita era uma honra insigne, representando uma das mais belas páginas da história do município (VOZ DE DIAMANTINA, 27/04/1958).

Feitas essas breves considerações sobre a inauguração do monumento comemorativo e a visita oficial do presidente, podemos agora ressaltar os fins políticos por trás desta grande cerimônia. Inicialmente, destaca-se que quando foi instalada a escultura em Diamantina, o governo Kubitschek estava terminando de construir a Praça dos Três Poderes em Brasília, ao mesmo tempo em que tentava mobilizar a opinião pública sobre o trabalho realizado com êxito. Para isso, utilizou de métodos e de mecanismos de propaganda política como a rádio, a imprensa e o cinejornal, como também de concursos e prêmios (RODRIGUES, 1990, p. 110-111). O próprio governo publicou 11 livros – a *Coleção Brasília* – e produziu cerca de 25 milhões de selos comemorativos da inauguração da nova capital federal, que foram enviados para as instituições federais dos departamentos de correios e telégrafos de todo o país (ÚLTIMA HORA, 19/04/1960).

Segundo Georgete Medleg Rodrigues (1990), no plano ideológico do governo, Brasília representava a síntese de todas as metas do programa de desenvolvimento, um símbolo de um “ritual de passagem”, de um país atrasado, para um país desenvolvido. A edificação da cidade chegou a ser relacionada a uma ideia de continuação e da completude da saga dos descobridores, dos bandeirantes e da marcha para o oeste. No entanto, o que se diferenciava desta vez é que a obra da nova capital federal era resultado da razão, do planejamento e da técnica. Ao lado desse discurso ideológico, passava-se a imagem de Juscelino Kubitschek como um político audacioso à frente da construção da nova capital federal (RODRIGUES, 1990, p. 26-27). A revista *Manchete* (RJ), da grande imprensa, fez a cobertura completa da edificação de Brasília. Através de suas fotorreportagens ela disseminava “um mito político: um homem de força, de caráter, de ação, um realizador, o construtor do Brasil.” (AMORIM, 2008, p. 24).

De acordo com Raoul Girardet (1987, p. 13), “o mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real,” uma versão romaneada dos fatos, como também uma narrativa legendária que fornece uma função explicativa, “apresentando certo número de chaves para a compreensão do presente.” O papel explicativo da narrativa mitológica se insere num plano de mobilização, através de um discurso profético. A construção do mito JK pode ser encontrada na propaganda ideológica do governo Kubitschek e na imprensa governista, discussão que ganhou maior espaço e profundidade nos estudos de Rodrigues (1990) e Amorim (2008).

Diante da construção mitológica sobre JK, relacionada a fundação de Brasília, através de uma narrativa legendária, os correligionários do presidente em sua terra natal decidiram então materializar em um monumento comemorativo a sua imagem. A ideia era alavancar a mitologia política em torno de seu chefe político e, conseqüentemente, arraigar a manutenção da hegemonia juscelinista na cidade. Logo, a visita oficial do presidente a Diamantina, após a inauguração do monumento, transformou a agenda do governo naqueles dias num grande ritual, marcando aquela geração de diamantinenses, principalmente os mais afinados com “o mito”.



No dia 11, quando foi inaugurado o monumento comemorativo, este se tornou o grande símbolo litúrgico da noite. No dia seguinte, quando o presidente junto a sua comitiva e autoridades políticas locais desfilaram em meio aos fuzileiros navais, que faziam um cordão de segurança, descendo a Rua Direita até a frente da prefeitura onde estava armado o palanque, ocorreu novamente uma grande cerimônia. O principal símbolo litúrgico neste momento foi o próprio Presidente da República que realizou o último discurso naquele fim de manhã de sábado. A presença da Banda de Fuzileiros Navais, vestida a caráter, do General Lott, trajando o uniforme das forças armadas, assim como a presença da população e demais entidades presentes, somavam-se simbolicamente em diferentes perspectivas dentro do rito.

Quando o presidente chegou ao Estádio JK, naquela tarde de domingo, houve mais uma solene homenagem iniciada com a Banda de Fuzileiros Navais antes do amistoso. Os mais de 100 fuzileiros espalhados pelo gramado construíram com seus próprios corpos a palavra “Salve, Peixe Vivo” e depois “JK”, formando um grande mosaico, acompanhados das saudações entoadas na arquibancada.

De acordo com Wellington Teodoro da Silva (2008, p. 77) o rito só se manifesta como tal se ele estiver inserido “num ambiente cultural que lhe oferece o substrato simbólico que o constitui.” Diante do aumento da popularidade do presidente na cidade desde a década de 1930, Diamantina se tornou um ambiente culturalmente propício para um grande ritual juscelinista. Estas celebrações supramencionadas só fizeram garantir a manutenção da força juscelinista local ao produzir sentido e valor compreendido por parcelas da sociedade diamantinense como legítimo e necessário. Nesse sentido, as cerimônias realizadas entres os dias 11, 12 e 13 de abril se tornaram exitosas na medida em que elas conseguiram dizer algo segundo uma lógica simbólica eficiente em um ambiente cultural propício.

No ano de 1958, Diamantina era um terreno político disputado. O fato de um conterrâneo na posição de Presidente da República fomentava ainda mais os debates políticos. Segundo Silva (2008, p. 80), “o terreno do político não é um palco onde se encena a harmonização de interesses. É o

campo onde são travadas batalhas entre interesses divergentes. É espaço de luta, de tensão.” O Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN) protagonizaram a disputa eleitoral, buscando eleger seus candidatos para o executivo e para o legislativo da Câmara Municipal. Embora os udenistas apresentassem uma forte atuação com um partido consolidado, os juscelinistas eram quem pertenciam ao partido situacionista, o PSD, também pudera, eram apoiados pelo então Presidente da República e antes governador do estado de Minas Gerais.

De acordo com Marcos Lobato Martins (2018, p. 132), JK foi o chefe político dos pessedistas em Diamantina desde a criação do partido após o Estado Novo até o golpe civil-militar de 1964, quando iniciou uma mudança significativa no quadro político nacional.<sup>4</sup> Durante todo este período seus correligionários se consolidavam cada dia mais na política em Diamantina de acordo com suas conquistas no cenário estadual e nacional. Quando foi inaugurado o monumento ao presidente, o prefeito da cidade era Mário Guerra Paixão (PSD), contando com uma bancada de 12 vereadores de sua legenda partidária e apenas 3 na oposição. Na eleição que o elegeu, em 1954, Paixão recebeu 5.301 votos, contra 1.624 do candidato da oposição, Vicente de Paula Fonseca, da UDN (VOZ DE DIAMANTINA, 24/10/1954). Muito próximo, ocorreu nas eleições municipais de 3 de outubro de 1958, seis meses depois da inauguração do monumento ao presidente, quando foi eleito prefeito Sílvio Felício dos Santos (PSD), vice-prefeito Daniel Nascimento e 11 vereadores do PSD (VOZ DE DIAMANTINA, 19/10/1958).

Maria Victória Benevides (1979) salienta que o poder local do PSD em âmbito nacional foi um dos motivos que contribuíram para a estabilidade do governo Kubitschek (1955-1961) e para sua própria eleição. O diretório do partido era enorme em termos nacionais e tinha muita força, principalmente, no meio rural. O PSD tinha uma imensa rede de células locais e de diretórios municipais. A oposição principal estava ligada à UDN, segundo maior partido nacional, que

---

<sup>4</sup> Sobre o tema, conferir: MARTINS, Marcos Lobato. **“Quem é rei nunca perde a majestade”? JK na política de Diamantina no período de 1934-1970.** Mneme - Revista de Humanidades, v. 18, n. 41, p. 130-162, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/9456/10602>. Acesso em 19 de set. 2021.

disputava as eleições em quase todos os municípios do país contra o PSD (BENEVIDES, 1979, p. 111).

De acordo com Martins (2018), a construção da hegemonia juscelinista em Diamantina iniciou na primeira metade da década de 1930 quando ele foi nomeado chefe da casa civil do interventor federal Benedito Valadares, e, em seguida, eleito deputado federal. Desde então, JK passou a influenciar na vida política diamantinense. Com sua ascensão na política nacional, seu prestígio automaticamente se ampliava na cidade. Na última edição do jornal *Voç de Diamantina* antes da eleição presidencial de 1955, em 2 de outubro, lia-se a seguinte notícia com sua foto estampada na primeira página: “SALVE! Heroico e querido filho de Diamantina, nossa esperança para a salvação do Brasil. Compareçamos às urnas e todos votem no diamante sem jaça, que produziu as nossas minas. Todos os nossos votos a ele, conterrâneos e amigos.” (VOZ DE DIAMANTINA, 02/10/1955). Para esta eleição foi criado o Centro Diamantinense Pró Candidatura de Juscelino Kubitschek à Presidência da República, que se reunia semanalmente a fim efetivar meios para aumentar o eleitorado do presidenciável na cidade (VOZ DE DIAMANTINA, 05/06/1955).

Depois do resultado das eleições, o jornal publicou mais uma vez na primeira página com grande entusiasmo a vitória do seu candidato. Além disso, trazia a notícia da eleição de outro pessedista, Bias Fortes, para governar o estado de Minas Gerais, com os dizeres finais: “Minas está de parabéns.” (VOZ DE DIAMANTINA, 16/10/1955). Nesse sentido, percebe-se uma posição política bastante favorável do jornal em relação a Juscelino e ao PSD, sob a direção de José Augusto Neves.

Apesar da hegemonia política dos juscelinistas, os udenistas eram uma forte oposição, tendo bons momentos de ascensão política local, quando, por exemplo, os candidatos do seu partido ganharam as eleições para o governo estadual em finais da década de 1940 e início da década de 1960. Eles sempre conseguiam eleger parte dos vereadores nas eleições legislativas do município e sempre apresentavam um candidato a prefeito e vice-prefeito. De acordo com Otávio Soares Dulci (1986, p. 174), a oposição ao governo de JK tinha sua principal crítica à inflação. A construção de

Brasília atrelada a um plano de desenvolvimento econômico, cujo financiamento advinha de uma política deliberadamente inflacionária, custosa para o povo, era o alvo dos ataques da oposição.

O jornal *Tribuna da Imprensa*, uma das principais mídias contrárias ao governo Kubitschek, no período que era dirigido pelo udenista Carlos Lacerda, teve boa aceitação em Diamantina. Esse periódico “desenvolveu um estilo argumentativo devastador, no qual combinava veementes críticas de conteúdo com os mais assombrosos insultos.” (FERREIRA, p. 2015, p. 1). O “escândalo do pinho”, envolvendo o vice-presidente João Goulart, ainda no primeiro ano do mandato, foi alimentado por uma insistente campanha no jornal (DULCI, 1986, p. 145). O periódico também foi responsável por uma série de críticas à transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília, buscando não apenas atacar o projeto do governo, mas desestabilizá-lo (LOPES, 2009).

As divergências da UDN contra o governo JK também se davam pela sua relação partidária com Getúlio Vargas, pois este foi quem montou o PSD, usando os interventores. Segundo Benevides (1979, p. 135) “a UDN vinha desde sempre como oposição ferrenha do getulismo e de tudo aquilo que ele representava.” Entre outras circunstâncias, o apoio dos comunistas à candidatura de Juscelino e Goulart, nas eleições de 1955, foi também motivo de críticas da oposição.

Diante deste quadro político disputado, tanto local quanto nacional, a construção do monumento comemorativo ao presidente no centro de Diamantina, assim como sua visita oficial, foi a “cereja do bolo” para consolidação da hegemonia juscelinista na cidade. Vitoriosos em todas as eleições para prefeito entre 1945 a 1964, os candidatos pessedistas escolhidos pelo próprio JK, algumas vezes em companhia do então deputado Carlos Murilo, revezavam-se no poder executivo e legislativo da câmara municipal (MARTINS, 2018, p. 141-142).

Os lugares de memória em torno de JK em Diamantina ganharam força, sobretudo, desde que ele ocupou o executivo da prefeitura de Belo Horizonte, quando ficou conhecido popularmente como “prefeito-furacão”. Quando era governador de Minas Gerais (1951-1955), ele foi algumas vezes à cidade, tanto para articular a política local, mas também, como ressalta Claudia Elizabeth Baracho (2016, p. 79), para acompanhar o curso das novas obras arquitetônicas que estavam sendo

realizadas pelo governo estadual. Delas se destacam o Hotel Tijuco, a Faculdade Federal de Odontologia, o Grupo Escolar Professora Júlia Kubitschek e a sede do Clube Social da Praça de Esportes.

Algumas vezes quando chegava com anúncio prévio feito pela imprensa era recebido por parcelas da população que o carregava no ombro.<sup>5</sup> Em entrevista cedida a Américo Antunes (2009), o ex-prefeito de Diamantina, João Antunes de Oliveira, relatou que naquele tempo JK andava em Diamantina de “peito aberto para todo lado e cumprimentava todo mundo. Dava a mão aqui, abraçava ali e até lembrava do nome das pessoas.” (ANTUNES, 2009, p. 46).

Um ditado popular era corrente no município: “enquanto JK dá comida aos pobres, Lacerda joga os pobres no mar.”<sup>6</sup> Isso devido a uma polêmica que girou em torno de Carlos Lacerda quando o udenista era governador do estado da Guanabara, na primeira metade da década de 1960, e foi acusado de instrumentalizar as forças de segurança pública para raptar moradores de rua e jogá-los em alto-mar.

Devido o aumento da popularidade do presidente através da disseminação de um mito político, os lugares de memória que remetiam a ele em Diamantina iam se avolumando em diferentes suportes, provocando uma explosão do espírito comemorativo relacionado a sua pessoa. No início da década de 1960, o caminhante que passeava pela cidade, poderia seguir da Praça Brasília ao centro, onde se deparava com um Monumento Comemorativo, na praça Dr. Juscelino. Ali próximo, subindo a Rua da Glória com o Beco das Craveiras, encontrava-se, por exemplo, o escritório da Usina Juscelino Kubitschek. O Bairro Presidente havia sido inaugurado há pouco tempo, local onde foi construído o Estádio JK. Parte das crianças do primário estudavam no Grupo Escolar Professora Júlia Kubitschek, inaugurado em 1954. Os universitários iam ao novo edifício/sede da Faculdade de Odontologia, inaugurada em 1955, onde na entrada principal foi instalado um busto, uma grande fotografia e uma placa homenageando o então governador do estado de Minas Gerais.

---

<sup>5</sup> Antônio Edgar ROCHA - Entrevista ao autor, Diamantina, 15/04/2018.

<sup>6</sup> Antônio Edgar ROCHA, entrevista citada.

Tanto no âmbito público como no privado de Diamantina a imagem do presidente poderia ser encontrada, algumas pessoas tinham fotos ou pinturas dele em suas residências. Em alguns casos os filhos eram batizados pelos pais com o nome de Juscelino, ou com alguma referência indireta a ele. O historiador Jacques Le Goff (2019) destaca que a multiplicação das memórias que remetem às comemorações, e dos suportes que as carregam aumentaram de forma substancial a partir do século XIX. Neste século, vivenciou-se uma explosão do espírito comemorativo na ordem dos sentimentos. Desde então, com a laicização das festas e do calendário, facilitou a multiplicação das memórias que remetem às comemorações, e dos suportes que as carregam como moedas, selos, medalhas, datas etc (LE GOFF, 2019, p. 464).

A literatura também foi um suporte onde os sentidos sobre JK iam se edificando. Alguns escritores e poetas da cidade tratavam do tema sobre o presidente em suas produções, como pode ser visto no soneto de Jêsus Almeida Rocha: *A Brasília* (VOZ DE DIAMANTINA, 22/05/1960). Publicado na coluna *Para o seu Álbum*, do jornal *Voz de Diamantina*, a cerca de um mês depois da inauguração da nova capital federal, o poema *A Brasília* fazia uma exaltação do feito político da mudança da capital federal atribuída a JK, enquanto uma continuação de uma obra divina. A relação do estadista com a seresta, estilo de música comum da época e reproduzida na cidade, também fez com que parcelas da sociedade diamantinense se identificassem com aquela figura representada em uma escultura pública.

Todo este mosaico de lugares de memória edificados em Diamantina em torno de JK tinham três pontos em comum: o material, o simbólico e o funcional agindo simultaneamente, apenas em níveis diferentes. Este último, realça justamente a ideia de que os lugares de memória são desenvolvidos e executados para serem eficazes, variando o seu fim de acordo com cada intenção. O simbólico está permeado pelos significados e o material se refere ao suporte em que a memória é cristalizada.

De acordo com Pierre Nora (1993, p. 21-22), tratando-se de um lugar de memória, estes três pontos devem coexistir sempre.

É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por um pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22).

O lugar de memória pode ser simples e ambíguo, natural e artificial. A sua razão fundamental é parar o tempo, congelar a memória, livrando-a do esquecimento, fixando um estado de coisas. Sua característica por natureza é imortalizar a morte, materializar o imaterial, prendendo o máximo de sentidos num mínimo de sinais (NORA, 1993, p. 21-22).

O conceito desenvolvido pelo historiador francês nos permite analisar os diferentes usos e manipulações da memória do presidente na cidade de Diamantina, possibilitando compreender alguns dos fatores que levaram à hegemonia juscelinista na cidade, diante de um quadro político disputado. Os apontamentos citados ao longo desta primeira parte deste estudo indicam que na década de 1950 e início da década de 1960 ocorreu uma ascensão do espírito comemorativo relacionado a JK em Diamantina, que prosperava e se enraizava cada vez mais em diferentes suportes. Assim como previam os juscelinistas, a construção do monumento, sua inauguração, bem como a visita oficial do presidente a cidade em 1958, só fez aumentar a popularidade de JK e efetivar a hegemonia de seus pares que já dominavam a política no município há duas décadas.

Por fim, é importante salientar que a aproximação de JK desde muito cedo com a Igreja foi fundamental para que os símbolos em torno do presidente fossem bem aceitos pela comunidade diamantinense que em sua grande maioria era católica. A boa relação de JK com os eclesiásticos se deu principalmente com os arcebispos Dom Serafim Gomes Jardim (1934-1953) e Dom José Newton de Almeida Baptista (1954-1960), esse último nomeado primeiro arcebispo de Brasília por sua influência, em 1960. Em 2002, ano do centenário de nascimento do presidente, a Arquidiocese de Diamantina realizou uma homenagem póstuma a JK com a instalação de um monumento comemorativo bem em frente ao prédio do Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus. Trata-se de uma escultura em bronze, uma estátua em tamanho real representando o jovem JK por volta dos 12 anos de idade, em referência ao período em que ele estudou na instituição.

### **José Pedrosa**

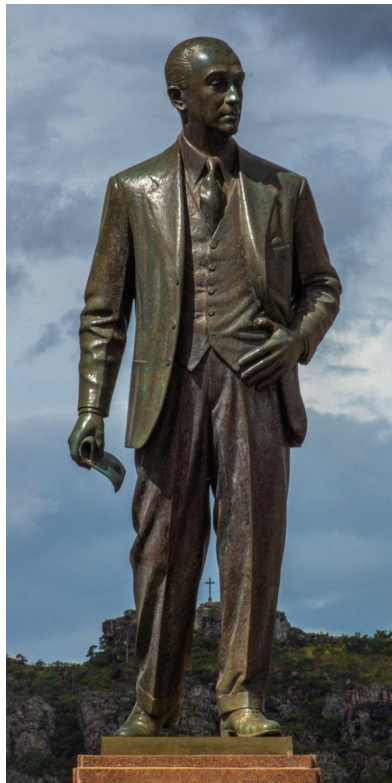
“Assim é o Zépé, silencioso, olhando de lado, paciente e apaixonado pelo seu trabalho”  
(R.B. Manchete - RJ, 12 de março de 1955)

Diante da discussão anterior e do próprio objeto de estudo proposto, um debate sobre o artista criador do monumento ao presidente, assim como uma análise desta sua obra se tornam indispensáveis.

As esculturas públicas são objetos artísticos que exercem algumas funções, tais como: melhorar a paisagem, comemorar um momento histórico, criar identidade, entre outras, homenagear uma personalidade (OLIVEIRA, 2015, p. 55). A estátua que representa o presidente em Diamantina (Imagem 1) é de autoria do escultor e desenhista mineiro José Alves Pedrosa (1915 – 2002). Essa foi a primeira escultura feita por um artista renomado a representar a imagem de JK no tempo em que ele era Presidente da República. A pedido da prefeitura de Diamantina, Pedrosa recebeu a encomenda de construir o monumento para ser instalado naquela praça no centro da cidade. No início do ano de 1957, ele foi ao gabinete presidencial no Palácio do Catete, Rio de Janeiro, para fazer os desenhos como primeira etapa do projeto escultórico. Atarefado, Juscelino posava em seu local de trabalho, assim como noticiado pela imprensa (MANCHETE, 02/02/1957). Estima-se que o tempo de confecção desta escultura, do processo inicial ao final, durou cerca de um ano.



**Imagem 1:** Estátua de JK



Fonte: Arquivo Pessoal. Foto: Kleber Lopes

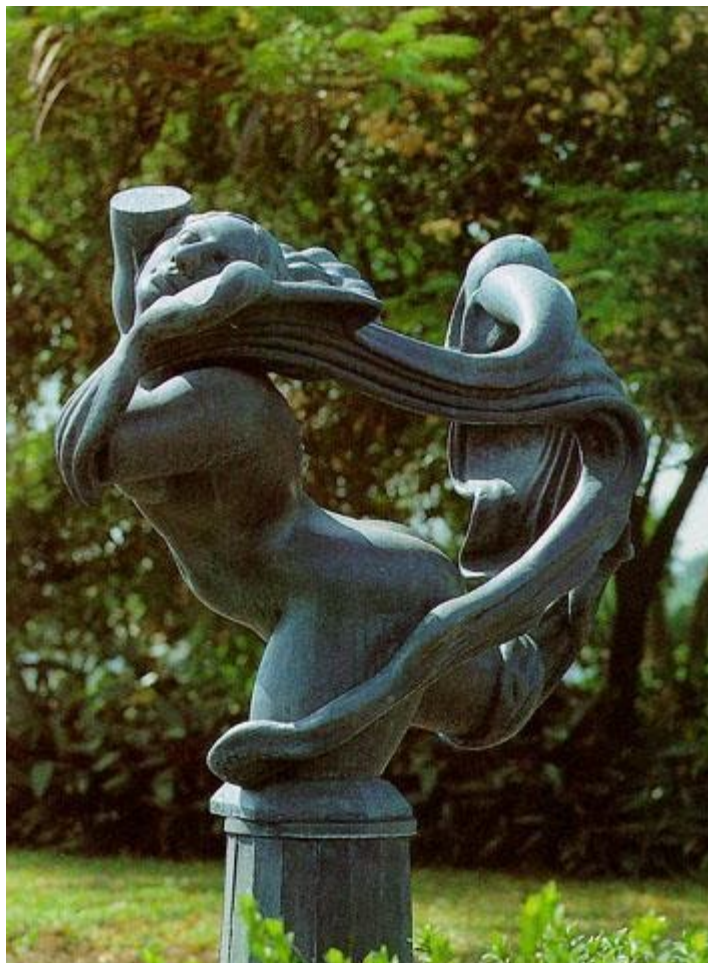
A segunda tiragem desta estátua foi instalada no jardim em frente ao Catetinho, em Brasília, em 1960, no pedestal dela foi colocada a inscrição: “O fundador: Juscelino Kubitschek, 10 de novembro de 1956.” (MANCHETE, 13/11/1971). Dessa forma, existem duas tiragens desta escultura em bronze, uma em Brasília e a outra na cidade natal do presidente. O Catetinho (Palácio de Tábuas) foi o primeiro prédio construído em Brasília, funcionando inicialmente como sede da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), que gerenciava e coordenava as construções na cidade. Planejado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e construído em 10 dias, apesar de ter sido sede da companhia, o Catetinho recebeu este nome e ficou conhecido como a primeira residência oficial do Presidente da República em Brasília, até a inauguração do Palácio da Alvorada. No ano de 1960, com a promoção do Catetinho a monumento histórico nacional, uma pequena

equipe chefiada pelo próprio escultor José Pedrosa ficou responsável pelos preparativos da entrega do prédio ao patrimônio (ÚLTIMA HORA, 19/04/1960).

Da nova geração da escultura modernista brasileira, Pedrosa foi no período do governo Kubitschek (1956-1961) o principal artista a esculpir a sua imagem, realizando não apenas essas estátuas, como também outro trabalho importante no Museu Histórico de Brasília, inaugurado em 1960, na Praça dos Três Poderes. Na face externa do museu foi inserido um enorme busto do presidente, feito em pedra-sabão pelo escultor, que entre outras obras no espaço foram construídas entre 1959 e 1960. Com fotografias feitas por Nicolau Drei, em 1963, na semana do aniversário de três anos da inauguração de Brasília, a revista *Manchete* (RJ) publicou uma edição comemorativa que exaltava a construção da nova capital federal enquanto um novo e revolucionário conceito de cidade. Para confecção da capa desta edição Juscelino foi fotografado ao lado deste busto (MANCHETE 27/04/1963).

Por volta dos 27 anos de idade, a convite de Oscar Niemeyer e a serviço da prefeitura de Belo Horizonte, na primeira metade da década de 1940, Pedrosa esculpiu um torso, Figura Alada (Imagem 2), cujo destino inicial era a Casa do Baile no Conjunto Arquitetônico da Pampulha (PESSOA, 2017, p. 95-96).

**Imagem 2:** Figura Alada



Fonte: Enciclopédia/Itaú Cultura. Disponível em:  
<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra15095/figura-alada>. Acesso em: 11 de fev. 2021.

Desde adolescente Pedrosa era reconhecido pela facilidade com que desenhava e modelava, adquirindo uma maior afinidade com o fazer artístico no final do ginásio, quando começou a ler livros de arte em uma biblioteca local, na Rua Bahia, em Belo Horizonte. Nascido em Rio Acima, no interior do estado de Minas Gerais, sua família se mudou quando ele ainda era criança para um sítio em Cachoeirinha, região próxima à capital mineira. Em Belo Horizonte, Pedrosa frequentou o grupo escolar e o Colégio Arnaldo. Em 1936, por volta dos 20 anos, com o dinheiro da venda de um pequeno lote de terra, em que faturou a quantia de três contos, conseguiu ir para o Rio de Janeiro

onde estudou na Escola Nacional de Belas Artes. Nessa instituição, ele teve uma passagem rápida, marcante e conflituosa. Por defender a arte moderna foi pejorativamente chamado pelos antagonistas de futurista e comunista, sendo convidado a se retirar da instituição depois de uma discussão calorosa. Depois disso, conheceu Oscar Niemeyer, que lhe convidou para criar uma escultura para ser instalada no Conjunto Arquitetônico da Pampulha. Ainda no início da década de 1940, trabalhou um período na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e ampliou seus trabalhos na capital mineira. Por indicação de Cândido Portinari e Lélío Landucci ao adido cultural francês, Pedrosa foi estudar dois anos na Europa, em Paris, entre 1946 e 1948, recebendo para isso uma modesta bolsa do governo francês e uma pequena ajuda do Itamaraty. Nesse ínterim, realizou um curso de talhe de pedra com Nicolussi, esculpia várias cabeças e as vendia, ia a museus e conhecia artistas, viajando frequentemente à Itália. Entre suas referências, podemos citar os artistas Aristide Maillol, Charles Despiau, Jean-Paul Laurens, Jacques Lipchitz, Constantin Brâncuși e Hans Arp (MANCHETE, 12/03/1955).

Desde que voltou ao Brasil, Pedrosa realizava encomendas e apresentações em exposições de arte. Definido como um artista seguro e pesquisador dos mais trabalhadores, em março de 1956, ele relatou à imprensa que passava a maior parte do tempo em seu ateliê, onde fazia suas pesquisas e seus projetos, e que não procurava ninguém, pois o que lhe interessava era seu trabalho, a que se entregava de coração (ÚLTIMA HORA, 06/03/1956). Uma das frases mais conhecidas do escultor José Pedrosa fazia referência ao período da Grécia Clássica, ele costumava dizer: “os gregos não eram assim tão gregos quanto dizem por aí.” (MANCHETE, 02/04/1955).

Apesar de suas ligações com o movimento modernista, o monumento ao presidente foi elaborado a partir de uma representação mais clássica. Concebida sob o estilo deambulatório, percebe-se na escultura de JK um movimento, e não uma rigidez. O calcanhar direito está levemente levantado e o joelho iniciando uma dobradura, enquanto o peso do corpo descansa sobre a outra perna, dando ritmo entre um e outro passo. Tem-se a sensação de um movimento natural e ao mesmo tempo um relaxamento. Essa forma de representar o homem em obras escultóricas surgiu na

Grécia Antiga, no período Clássico (500-323 a.C), quando a cidade-estado de Atenas despontava como a capital cultural do mundo grego. Um dos trabalhos pioneiros mais conhecidos deste estilo é atribuído ao escultor Policleto de Argos (trabalhou entre aprox. 460-420 a.C) (SAVELLE, 1968, p. 184-185).

Da obra de Policleto só se conhece cópias, sendo a mais famosa a de *Doríforo*, o portador da lança. Ele concebia suas esculturas através de um método/regra chamado de *cânon*, que se resumia a cálculos matemáticos, elaborados através de um sistema de proporções entre as partes e o todo. Ele estabeleceu em seu *cânon* que a altura total do corpo deve corresponder à medida de sete cabeças empilhadas. Os pés, três vezes maior do que o comprimento da palma da mão. A perna, do pé até o joelho, seis palmos, e a mesma medida do joelho até o centro do abdome. O corpo, em equilíbrio, repousa sobre uma perna, enquanto o outro almeja um passo à frente, dando ritmo entre um passo e o outro. A cabeça levemente direcionada para o lado, soma-se a algumas das características do método desenvolvido pelo escultor grego. Toda exatidão da sua escultura pode ser contemplada na obra *Doríforo*. Pelo seu trabalho, Policleto recebeu de seus contemporâneos o título de “o grande”. (CONTI, 1987, p. 43). O método desenvolvido a partir de um sistema de proporção, no estilo deambulatório, seria apropriado por outras culturas, sobretudo, no mundo ocidental, com destaque para a arte greco-romana e a renascentista, mas também em outros períodos históricos e em diferentes localidades como a estátua de JK em Diamantina.

Além do tema sobre o estilo deambulatório do objeto artístico, cabe também fazer outras considerações sobre o campo estético que o envolve. De acordo com Ariano Suassuna (2012), em sua obra *Iniciação à estética*, especialmente no capítulo 28 (A escultura), destaca-se que as esculturas podem seguir duas linhagens dicotômicas: apolínea (racional, bela, serena, tranquila, idealizada) e dionisíaca (paixões humanas, angústia, sofrimento, vício). A primeira pode ser identificada na escultura do período grego clássico, onde os seres eram representados:

[...] como que retirados ao universo psicológico, imunes ao sofrimento e à ideia ou presença de morte. Os modelos preferidos dos escultores gregos eram os seres jovens, no esplendor

da idade, de corpos perfeitos, imóveis, serenos, harmoniosos, tranquilos, idealizados.” (SUASSUNA, 2012, p. 150).

Segundo Flávio Conti (1987, p. 34-35) as estátuas gregas clássicas, assim como os edifícios, foram erigidas para venerar os deuses. Como os deuses gregos eram a imagem e semelhança do homem, a estátua deveria ter um aspecto completamente humano e sem defeitos. Dessa forma, buscava-se a representação do homem perfeito, idealizado. Com essa nova proposta, houve a necessidade de um desenvolvimento técnico por parte dos escultores que fosse capaz de representar o ser com maior riqueza de detalhes no material a ser esculpido. Conti (1987, p. 36) salienta que a história da escultura grega clássica se resume à busca pela realização deste tipo de obra e a luta do artista para conseguir imprimir no material tal proposta representativa.

A linhagem dionisíaca pode ser observada no trabalho dos artistas renascentistas e modernistas que acrescentaram um “valor dolorosamente humano à qualidade plástica da escultura.” (SUASSUNA, 2012, p. 150). Estes artistas buscavam outras formas de representar o ser, voltadas para o conflito existencial, movidos pelos questionamentos subjetivos e pelas adversidades da vida, que se afloram através da dúvida, da angústia ou do sofrimento. Tem-se como exemplo a escultura *O pensador* (1887) de Auguste Rodin. Segundo Suassuna (2012, p. 151), Rodin foi atraído pelo trabalho de Michelangelo, e por isso inclinou-se “para uma escultura ligada à representação do sofrimento, do impulso humano para o alto e da angústia disso resultante, sendo essa tensão interior e espiritual a verdadeira modeladora do volume em suas esculturas.” Nas obras de Rodin, existe uma extrema tensão física, “a fim de exprimir estados espirituais, e vivificar e dramatizar a forma.” (LYNTON, 1979, p. 67). Porém, assim como salienta Suassuna (2012, p. 251), apesar de parte do trabalho deste escultor ser direcionado para uma corrente dionisíaca, isso não quer dizer que Rodin não tenha se deixado levar pelo ideal apolíneo do período grego clássico.

A estátua de JK tem uma linhagem do tipo apolínea, cuja representatividade tem uma áurea serena, racional e bela, imune ao sofrimento ou sem a presença e a ideia da morte. A escultura representa a imagem do presidente enquanto símbolo de poder político, protagonista da construção

da nova capital federal. Um estadista, trazendo no rosto uma expressão séria, usando terno, colete, gravata, calça e sapato social, segurando um documento em uma das mãos, e a outra na cintura.

Outro aspecto da escultura é sobre sua natureza, que pode ser intimista ou épica. A escultura intimista se difere da épica, que é unida a uma arquitetura, numa espécie de ornamentação. As esculturas intimistas são obras isoladas, construídas para serem olhadas isoladamente, sem relação com qualquer edifício ou oposta a ele (SUASSUNA, 2012, p. 149). A estátua de JK é do tipo intimista, projetada para ficar no centro de uma praça.

A escultura feita por Pedrosa foi instalada em Diamantina num ponto estratégico, em um largo aberto, cujo encontro de ruas no local dá origem a um movimento de pessoas transitando vindas de diferentes lugares. De um lado do monumento, tem-se a Igreja São Francisco, do outro, um antigo casarão, ambos os edifícios erigidos no século XVIII. Atrás, destaca-se a Serra dos Cristais. A sensação é que a serra faz parte da obra, integrando um conjunto harmônico entre os opostos. A estátua estaria no primeiro plano e a serra no segundo, marcando a profundidade. A impressão é de uma escultura isolada oposta, cuja arquitetura é a Serra dos Cristais, assim como Suassuna (2012, p. 149) se referiu aos doze profetas de Aleijadinho, eles não estão integrados à igreja, mas opostas a ela, no sentido de estarem situadas à frente.

Cabe lembrar que o monumento ao presidente foi erigido em harmonia com o Cruzeiro Luminoso no mirante da Serra dos Cristais que pode ser visto na lacuna entre as pernas da estátua. Isso indica que a escolha do local e a elevação do objeto artístico a dois metros por um pedestal foi realizada com precisão. Este horizonte ainda é valorizado comumente com o nascer da lua. Para reforçar os elementos simbólicos do local foram plantadas anos mais tarde, palmeiras imperiais enfileiradas que atravessam todo o perímetro da praça, passando por trás do monumento.



### Considerações Finais

Como vimos, os usos e manipulações da memória do presidente foram em grande medida um dos aspectos que alavancaram a hegemonia juscelinista em Diamantina no final da década de 1950. Nesse sentido, destaca-se a construção do monumento comemorativo pelos correligionários do presidente, instalado no ano de 1958, em um sítio patrimonializado no centro dessa cidade.

Como um lugar de memória, este monumento simbolicamente prendia o máximo de sentidos em um único sinal: em um objeto artístico. Isso se deve principalmente a escolha da estética aplicada na escultura, reproduzindo o semblante do homenageado de forma idealizada, sustentando a configuração de um mito político. Quando foi inaugurada a estátua, JK terminava junto a sua equipe de construir os principais prédios e monumentos em Brasília, na Praça dos Três Poderes, sob uma pressão enorme da oposição. Ao lado disso, era impulsionada a disseminação da figura do presidente através de uma perspectiva mitológica, realizada, sobretudo, através da propaganda do governo e pela mídia governista, como também a partir de seus correligionários.

Quando JK foi a Diamantina para o evento que se iniciou com a inauguração do monumento comemorativo e demais atividades públicas, estava seguro de seu mandato de Presidente da República, pois o maior objetivo do seu governo estava sendo realizado com êxito, na nova capital federal. Diante desta conjuntura política, “naturalmente” os lugares de memória em torno dele foram surgindo, muitos construídos pelos seus partidários, mas também por pessoas comuns da sociedade. Dessa forma, no período do seu mandato de presidente ocorreu uma explosão do espírito comemorativo sobre sua memória, suscitando a manutenção da ordem política vigente do PSD em sua terra natal.



## Fontes e bibliografia

### 1. Fontes

#### 1.1. Fontes periódicas

Voz de Diamantina, ano 52, n. 30, 24 de outubro de 1954, p. 3.

Voz de Diamantina, ano 54, n. 9, 05 de junho de 1955, p. 1.

Voz de Diamantina, ano 54, n. 24, 02 de outubro de 1955, p. 1.

Voz de Diamantina, ano 54, n. 26, 16 de outubro de 1955, p. 1.

Voz de Diamantina, ano 52, n. 20, 02 de março de 1958, p. 3.

Voz de Diamantina, ano 52, n. 24, 30 de março de 1958, p. 1.

Voz de Diamantina, ano 52, n. 26, 13 de abril de 1958, p. 1.

Voz de Diamantina, ano 52, n. 28, 27 de abril de 1958, p. 1.

Voz de Diamantina, ano 53, n. 3, 19 de outubro de 1958, p. 1.

Voz de Diamantina, ano 54, n. 32, 22 maio de 1960, p. 4.

Manchete (RJ), ano 1955/Edição 0151, 12 de março de 1955, p. 52-53.

Manchete (RJ), ano 1955/Edição 0154, 2 de abril de 1955, p. 26.

Manchete (RJ), ano 1957/Edição 0250, 2 de fevereiro de 1957, p. 6.

Manchete (RJ), ano 1963/Edição 0575, 27 de abril de 1963, p. 53.

Manchete (RJ), ano 1971/Edição 1021, 13 de novembro de 1971, p. 134.

Última Hora (RJ), ano 1956/Edição 01445, 6 de março de 1956, p. 17.

Última Hora (RJ), ano 1960/Edição 00335, 19 de abril de 1960, p. 6.

#### 1.2. Sites consultados

Diamantinenses recebem Praça JK após obra de requalificação. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em: 18 de mai. 2021.

Carlos Lacerda foi acusado de raptar mendigos no Rio. Disponível em: <https://180graus.com>. Acesso em: 14 de mai. 2021.

Inaugurado com a capital, Museu Histórico guarda a memória de Brasília. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br>. Acesso em: 05 de mai. 2021.

The sculpture of August Rodin at the legion of honor. Disponível em: <https://artsandculture.google.com>. Acesso em: 08 mar. 2021.

## 2. Referências Bibliográficas

AMORIM, Rose May Guerra. **O Governo JK e a revista Manchete: a criação do mito dos anos dourados**. Dissertação (mestrado em Bens culturais e Projetos Sociais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008.

ANTUNES, Américo. ANTUNES, Carolina (orgs.). **João Antunes: vozes e visões**. Diamantina: Terrazul, 2009.

ARQUIDIOCESE DE DIAMANTINA. **Fé, história e missão: Arquidiocese de Diamantina Polianteia**. 100/150 anos. Gráfica Santuário, 2017/2018.

BARACHO, C. E. **Grupo Escolar Professora Júlia Kubitschek: modernização na arquitetura e nas concepções educacionais em Diamantina, 1951-1961**. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas), UFVJM, Diamantina, 2016.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek: desenvolvimento econômico e estabilidade política, 1956-1961**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CONTI, Flávio. *Como reconhecer a arte grega*. Edições 70, Lisboa, Portugal, 1987.

CHOAY, Françoise. **O patrimônio em questão: antologia para um combate**. Editora Fino Traço, Belo Horizonte, 2011.

\_\_\_\_\_. **Alegoria do patrimônio**. EDIÇÕES 70, Lda, 2014.

DULCI, Otávio Soares. **A UDN e o anti-populismo no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 1986.

FERREIRA, Rodrigo Otavio Seixas. **A imprensa como “arma de guerra”: a trajetória da revista Maquis (1956-1962)**. XXVIII Simpósio nacional de história: lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, 2015.

- GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural.** *Historiae*, Rio Grande, 3 (3): 27-46, 2012.
- JARDIM, Serafim. **Juscelino Kubitschek: onde está a verdade?** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- KUBITSCHKEK, Juscelino. **Meu caminho para Brasília.** Vol, 1. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1974.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LOPES, Cristiano Aguiar. **A loucura de Brasília: o antimudancismo nas páginas do jornal Tribuna da Imprensa (1956-1960).** VII Encontro Nacional de História da Mídia: mídia alternativa e alternativas midiáticas – Fortaleza, 2009.
- LYNTON, Norbert. **O mundo da arte: enciclopédia das artes plásticas em todos os tempos. Arte Moderna.** Editora expressão e cultura - 7º ed. Rio de Janeiro, 1979.
- MARTINS, Marcos Lobato. **“Quem é rei nunca perde a majestade”? JK na política de Diamantina no período de 1934-1970.** *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 18, n. 41, p. 130-162, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/9456/10602>. Acesso em 19 de set. 2021.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Tradução: Yara Aun Khoury. Prof, História. São Paulo, 1993.
- OLIVEIRA, Mônica. **Qual o papel da escultura pública para a educação do cidadão?** *European Review of Artistic Studies*. Vol. 6, n. 2, pp. 54-67, 2015.
- PELEGRINI, Sandra. **Memórias e identidades: a patrimonialização e os usos do passado.** *Anos 90, Porto Alegre*, v. 25, n. 48, p. 87-115, dez. 2018.
- PESSOA, Gisele Guedes Tomaz de Aquino. **Opacidade e transparência. Percurso por obras tridimensionais em Belo Horizonte: de adolescentes (1937) a espaço nº 9 (1967).** Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Escola de Belas Artes, Belo Horizonte, 2017.
- RODRIGUES, Georgete Medleg. **Ideologia, propaganda e imaginário social na construção de Brasília.** 1990. xvii, 257 f., il. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 1990.
- SAVELLE, Max (org). **LISA - História da civilização mundial (Vol 1): as primeiras culturas humanas.** Belo Horizonte: Editôra Itatiaia limitada, 1968.

SILVA, Luis Carlos Morais da. **Clube de futebol Tijuco: (re) contando sua história e (re) conhecendo um personagem.** Monografia, Departamento de Educação Física, UFVJM, Diamantina, 2014.

SILVA, Wellington Teodoro da. **Ritual e política: excerto.** Revista de Estudos da Religião, março de 2008.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética.** Editora José Olympio, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em:

[https://facbel.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/ARIANO\\_SUASSUNA\\_iniciacao\\_a\\_estetica\\_12a.pdf](https://facbel.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/ARIANO_SUASSUNA_iniciacao_a_estetica_12a.pdf). Acesso em: 28 de mai. de 2021.